

As histórias de vida nos memoriais de formação docente na licenciatura

Life stories in teacher training memorials in undergraduate courses

Historias de vida en las memorias de formación docente durante la licenciatura

Joelson de Sousa Morais ¹
Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

José Carlos Aragão Silva ²
Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Cristiane Dias Martins da Costa ³
Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Resumo

A proposta desse texto se inscreve no âmbito de uma pesquisa narrativa autobiográfica na qual se pauta em processos de revelação das experiências de vida vividas pelos sujeitos de (trans)formações as mais diversas possíveis em cada pessoa. Tem como objetivo refletir acerca das contribuições das escritas de si no processo de formação docente pelas estudantes de licenciatura em memoriais de formação. Para isso, o dispositivo metodológico utilizado na construção desse estudo se muniu de escritas narrativas autobiográficas no memorial de formação docente, nos quais participaram 04 (quatro) estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia, da UFMA/Campus Codó, no 4º período do curso, através da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, no segundo semestre do ano de 2024. Como resultados e lições desse estudo revelou que é possível elucidar que os Memoriais de Formação representam um dispositivo metodológico privilegiado nos quais emergem processos de formação e (auto)formação para os(as) estudantes dos cursos de licenciaturas, bem como dá indícios de compreensão para os(as) formadores(as) de professores(as) sobre quais caminhos estão trilhando, como aprendem e se formam em movimento revelados pelas práticas de narrar de cada um(a).

Palavras-chave: Escritas narrativas autobiográficas; Formação de Professores(as); Curso de Pedagogia.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>. Contato: joelson.morais@ufma.br

² Pós-doutor pela Binghamton University, NY/ EUA; Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Associado da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0420-0531>. Contato: jose.aragao@ufma.br

³ Pós-doutora pela Binghamton University, NY/EUA; Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2452-6296>. Contato: cristiane.dmc@ufma.br



Abstract

The proposal for this text is part of an autobiographical narrative research that is based on processes of revealing life experiences lived by subjects of the most diverse (trans)formations possible in each person. Its objective is to reflect on the contributions of self-writing in the process of teacher training by undergraduate students in training memorials. To this end, the methodological device used in the construction of this study was equipped with autobiographical narrative writings in the teacher training memorial, in which 04 (four) students of the undergraduate course in Pedagogy, from UFMA/Campus Codó, participated in the 4th period of the course, through the discipline Fundamentals and Methodology of Teaching History, in the second semester of the year 2024. As results and lessons of this study revealed that it is possible to elucidate that the Training Memorials represent a privileged methodological device in which training and (self)training processes emerge for undergraduate students, as well as providing clues of understanding for teacher trainers about which paths they are following, how they learn and form themselves in movement revealed by the narration practices of each one.

Keywords: Autobiographical narrative writings; Teacher Training; Pedagogy Course.

Resumen

A proposta desse texto se inscreve no âmbito de uma pesquisa narrativa autobiográfica na qual se pausa em procesos de revelação das experiências de vida vividas pelos sujeitos de (trans)formações as mais diversas possíveis em cada persona. Tem como objetivo reflexionar acerca de las contribuciones de las escritas de si no proceso de formación docente pelas estudantes de licenciatura em memoriais de formación. Para esto, el dispositivo metodológico utilizado en la construcción de este estudio se muniu de escritas narrativas autobiográficas en el memorial de formación docente, nos quais participará 04 (quatro) estudiantes del curso de licenciatura en Pedagogía, de la UFMA/Campus Codó, en el 4º período del curso, a través de la disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, en el segundo semestre del año de 2024. Como resultados y lições desse estudo revelan que é possível dilucidar que os Memoriais de Formação representam un dispositivo metodológico privilegiado nos quais emergem processos de formação e (auto)formação para os(as) estudantes dos cursos de licenciaturas, bem como dá indícios de compreensão para os(as) formadores(as) de Professores(as) sobre quais caminhos estão trilhando, como aprendem e se formam em movimento revelados pelas prácticas de narrar de cada um(a).

Palabras clave: Escrituras narrativas autobiográficas; Formación de Profesores(as); Curso de Pedagogía.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As escritas narrativas revelam-se como dispositivos de formação pelas quais os sujeitos buscam dar sentido as suas experiências vividas com a acentuada capacidade de reflexividade operada pelas tramas e enredos que contam de suas histórias em um percurso existencial.

Pensar as lógicas com as quais se materializam as escritas de si em diferentes temporalidades e como se configuram na vida do sujeito, é o que se propõe esse texto. Mais precisamente, buscamos mergulhar em reflexões reveladas por estudantes mulheres no curso de licenciatura em Pedagogia, mediatizada pelos memoriais de formação escritos durante seus percursos trilhados durante a formação inicial docente.

Nesse sentido, privilegiamos as escritas narrativas autobiográficas das histórias de vida como práticas de formação, tais como se inscrevem os estudos no campo da educação e dessa abordagem teórica, política, metodológica e epistemológica, como as

desenvolvidas por Josso (2010; 2020), Delory-Momberger (2024), Goodson (2020), Bragança (2012; 2024), Passeggi (2021) e outros(as).

De modo especial, o poder de formação ancorada nas escritas de si pelas histórias de vida, tem fundamental contribuição como dispositivo metodológico e de formação, pelo fato de que valoriza a subjetividade e se tece em um conhecimento epistemológico de si, e com o qual o sujeito atribui sentido e o desperta para narrar o que lhe toca, forma, aprende, sensibiliza, emociona e provoca numa aventura de autoprodução e busca renovada de si (Josso, 2020).

E se “narrar a vida consiste em relatar as etapas de uma gênese, o movimento de uma formação em ação ou, dito de outro modo, contar como *um ser se tornou aquilo que é*” (Delory-Momberger, 2024, p. 54. Grifos da autora), não há como fugir dos processos de (trans)formação pelas quais podem ser promovidas pelas narrativas autobiográficas no decurso da vida, afinal de contas “a narrativa de vida individual ou coletiva faz parte da forma propriamente humana de construir/recriar conhecimentos, de preservar memórias, de criar as identidades, de atribuir a objetos e lugares valor simbólico” (Bragança, 2012, p. 41). Daí, o seu poder emancipador no qual a “reflexividade narrativa concerne esse desdobrar-se que creditamos a uma disposição humana e que acontece no ato singular de narrar e de refletir sobre experiências vividas” (Passeggi, 2021, p. 96-97).

Em um tempo em que “a experiência de narrar está em vias de extinção”, como já declarava Benjamin (2012, p. 213) no início do século XX, trazer os sujeitos para narrar as suas histórias de vida pelo Memorial de Formação, representa ganhos significativos e com um grande poder de formação e autoformação no decurso de sua existência e na própria contribuição de experiências plurais e significativas na sociedade e na promoção de uma cultura reflexiva pelas escritas de si no contexto dos cursos de licenciaturas.

Além do mais, exercitar a memória com as escritas narrativas autobiográficas, promove processos em enriquecimento do processo formativo docente, que se mune de uma ferramenta crucial que é mobilizadora de uma consciência e que é despertada pelo sujeito no ato de pensar, narrar e refletir sobre o narrado, galgando outras possibilidades que se projetam em sua vida.

A questão que pomos a indagar como problematizadora nesse texto é: que contribuições e potencialidades formativas são propiciadas pelas escritas narrativas autobiográficas no memorial de formação pelas estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia?

Os objetivos do texto buscam refletir acerca das contribuições das escritas de si no processo de formação docente pelas estudantes de licenciatura em memoriais de formação, bem como compreender como as narrativas autobiográficas de mulheres em formação inicial docente promovem processos de autoformação e construção de conhecimentos através das histórias de vida.

O presente texto surgiu na docência universitária a partir a realização da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, no 4º período do curso de Pedagogia, do Centro de Ciências de Codó (CCCO), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O aporte teórico-epistemológico desse texto, conta com as contribuições de estudiosos(as) no campo das narrativas, histórias de vida e da linguagem a partir dos princípios de: Marie-Christine Josso, Christine Delory-Momberger, Ivor Goodson, Paul Ricoeur, Bakhtin, Walter Benjamin, Inês Bragança, Maria da Conceição Passeggi e outros(as).

O texto está organizado em quatro partes, que se inicia com essa que vos apresentamos agora trazendo à luz algumas reflexões introdutórias no tema, a segunda conta as trajetórias e tessituras teórico-metodológicas da pesquisa; a terceira traz os resultados com as revelações narrativas autobiográficas dos memoriais de formação das estudantes de Pedagogia partícipes do estudo, e na quarta e última parte finaliza com as considerações finais, trazendo as lições que ficaram como aprendizados.

2 TESSITURAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A proposta desse texto se inscreve no âmbito de uma pesquisa narrativa autobiográfica na qual se pauta em processos de revelação das experiências de vida vividas pelos sujeitos que impulsionam (trans)formações as mais diversas possíveis em cada pessoa.

Segundo Christine Delory-Momberger (2024) em recente obra publicada no Brasil: *Histórias de vida e pesquisa biográfica em educação*, traz um conjunto significativo de reflexões que elucidam os aspectos históricos e as contribuições das abordagens biográficas das narrativas no campo da educação e no contexto da formação de adultos. Conforme elucidada a autora:

[...] a pesquisa biográfica tem por objetivo explorar as formas e significações das construções biográficas individuais em suas inscrições sócio-históricas. Ela participa, assim, de uma *abordagem antropológica* que examina as condições e manifestações da constituição e diferenciação individuais,

segundo as épocas, sociedades e culturas (Delory-Momberger, 2024, p. 43. Grifos da autora).

Apostamos nas abordagens narrativas autobiográficas pelo fato de produzir um conhecimento epistemológico respaldado no próprio sujeito, na contação de suas histórias que são formativas e produtoras de sentidos e significados nos quais emergem outros contextos em uma permanente reinvenção de si. É bem na acepção proposta por Goodson (2020) quando diz que pelo pessoal no narrar as experiências vividas, os sujeitos acabam revelando o político, econômico e sociocultural, porque atribuem sentido ao que dizem nas suas histórias e se interessam por isso. Desse modo, ressaltamos que:

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente, do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras dimensões (Souza, 2023, p. 7)

Primar por estudos e pesquisas que se utilizam das abordagens narrativas e autobiográficas, possibilitam, portanto, a construção de um outro referencial político, teórico, metodológico e epistemológico assentado nas ciências e experiências da vida humana, que situa o sujeito em suas várias dimensões de composição de si atravessado pelos acontecimentos que os afetam, atravessam e modificam suas estruturas de pensamento, formativas e existenciais.

O uso das histórias de vida no contexto das pesquisas qualitativas em educação com as abordagens narrativas autobiográficas, se justifica pelo fato de que dá:

[...] legitimidade para conhecer os sujeitos participantes da pesquisa não somente do contexto atual de sua experiência na realidade presente, mas, sobretudo, pelo mergulho no passado para compreender suas escolhas e o que seus itinerários formativos significaram para chegar aonde chegaram permeados por aspectos pessoais, culturais, políticos, acadêmicos, formativos e existenciais tramados no meio social (Morais, 2022, p. 120)

Nesse sentido, narrar as experiências vividas pelas escritas de si, efetua tomadas de consciência pelo sujeito, e nesse movimento se (trans)formam mediatizados pela reflexividade operada na linguagem, constituindo outras figuras de si em permanente mutação e em busca de perspectivas melhores. Esse pensamento, está em consonância com as proposições feitas por Passeggi (2021), em que elucida ser o processo de autobiografização tecido pela reflexividade narrativa, enquanto ações de linguagem em que

a pessoa produz uma historicidade e operacionalizam versões provisórias de si, do outro e do mundo.

O dispositivo metodológico utilizado na construção desse estudo se munuiu de escritas narrativas autobiográficas no memorial de formação docente, nos quais participaram 04 (quatro) estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia, da UFMA/Campus Codó.

A proposta surgiu no 4º período do curso, através da disciplina *Fundamentos e Metodologia do Ensino de História*, no segundo semestre do ano de 2024, e explicitamos às partícipes e a turma que corresponderia a uma das notas da disciplina.

Os nomes utilizados das mulheres estudantes nesse texto são reais, autorizados pelas mesmas o seu uso nas pesquisas científicas e publicações, e como uma forma de dar legitimidade a um conhecimento em que elas próprias figuram como protagonistas e autoras de suas histórias e memórias. São assim designadas por: Daniele, Nayelee, Liliane e Franciele.

Como um Memorial de formação, muitas vezes emerge um conjunto plural e significativo de fatos e acontecimentos narrados pelos sujeitos, acerca de suas experiências vividas ao longo do tempo, propomos essa atividade a toda a turma, mas nesse trabalho, elegemos trazer apenas fragmentos dos memoriais de 04 (quatro) estudantes, para podermos refletir em função do que foi narrado. Até porque as pessoas acabam mergulhando em si, tirando lições de suas reflexões e escrevendo muitos acontecimentos que viveram e que são trazidos em seus memoriais de formação, e assim, escolhemos apenas alguns trechos para apresentar nesse trabalho. Afinal de contas, “um memorial não narra tudo, a totalidade é uma ilusão, memoriais partilham experiências formadoras, escolhidas pelo narrador-autor-personagem para compor uma tessitura de intriga a ser recriada pelos leitores” (Bragança, 2023, p. 6)

A escolha dos memoriais de formação com as escritas narrativas das participantes que se apresentam nesse escrito, se deu pelo seu maior teor de reflexividade praticada nas escritas de si e com as quais, trouxeram um maior espectro de envolvimento na produção de um autoconhecimento que permitiu a construção de aprendizagens e autoformação.

Para que as estudantes pudessem compreender sobre a proposta da atividade de elaboração de um Memorial de Formação, tivemos que orientá-las antes, para isso, indicamos alguns textos e livros no tema, bem como apresentamos alguns tipos de memoriais já produzidos por estudantes e professores(as) acerca de seus percursos formativos.

Dentre os materiais que compartilhamos na turma sobre Memorial de Formação, e que enviamos no grupo de *WhatsApp* da disciplina em um período antes, para que lessem, refletissem e pudessemos discutir e debater em sala de aula, enviamos o livro: *Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica*, uma coletânea de textos, organizada por Inês Ferreira de Souza Bragança e Rodrigo Luiz de Jesus Santana (2020), que traz um conjunto de textos escritos em forma de memorial de formação de estudantes dos cursos de licenciaturas, da pós-graduação *stricto sensu*, Mestrado e Doutorado em Educação e de professores(as) da Educação Básica e do Ensino Superior, que trouxe luz às compreensões das leitoras, participantes desse estudo.

Se somou a este material ainda, o envio do texto: *Memorial de formação docente como dispositivo metodológico de aprendizagem narrativa no ensino superior*, de autoria de Joelson de Sousa Morais (2023), o qual traz em sua discussão escritas narrativas autobiográficas de estudantes de Pedagogia na constituição de si, e das aprendizagens formativas do aprender a docência, o ensinar e componentes de suas histórias de vida que permeiam suas caminhadas em diferentes espaços e tempos. E por último o texto: *Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas*, de Inês Ferreira de Souza Bragança (2023), no qual faz potentes reflexões das contribuições elucidativas, conceituais e formativas dos memoriais de formação que são narrados por estudantes da graduação e pós-graduação em educação.

Consoante ao que elucida Bragança (2023, p. 10) “[...] a feitura do memorial recria experiências, sendo o seu próprio movimento um acontecimento” (Bragança, 2023, p. 10). Trata-se de uma produção memorialística que marca um tempo, e nesse tempo emergem muitos sentidos do aprender a ser, pensar, fazer, viver e voltar ao passado pela memória na escritura de uma linguagem expressas na narração.

Além do mais, elaboramos um roteiro instrutivo, didático e pedagógico com duas páginas que pudessem trazer conceitos, significados e ao mesmo tempo pudesse ser constituído de um teor explicativo sobre essa atividade. Esse material, iniciava com algumas questões provocativas sobre o tema, como: *O que é um Memorial de Formação? Quais são suas características?* E assim posicionamos conceitos e significados no âmbito das escritas narrativas autobiográficas e que elucidamos alguns a seguir:

[...] O memorial de formação, para designar os que são escritos durante o processo de formação inicial ou continuada, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior, realizado, geralmente, em grupo e acompanhado por um professor orientador (Câmara; Passeggi, 2013, p. 35).

Para além de um trabalho final de curso, propomos a elaboração da escrita do memorial de formação como uma atividade reflexiva em que as estudantes pudessem construir, com vistas a sinalizarem as suas próprias aprendizagens e tessitura de conhecimentos na disciplina. E nessa oportunidade, avaliamos e atribuímos uma das notas.

No contexto da formação de professores(as) e mais especificamente no curso de Pedagogia, com o qual se tece esse trabalho, cabe elucidar as compreensões de Memorial de Formação refletidas por Moraes (2023), de modo que se entrelaça intimamente com esse escrito. Conforme discute o autor:

[...] o Memorial de Formação, traz as reminiscências das memórias narrativas das pessoas, fazendo-as pensarem sobre si, ao ter que falar de si, em um processo formativo que acompanha cada sujeito desde o processo de escolarização, mediado por vivências e múltiplas outras experiências que tiveram ao longo de suas vidas, e que permitiram a tessitura de suas escolhas do curso que estão realizando, bem como delimitação de sua área profissional da docência como vida e profissão, repercutindo, significativamente, no aprender e posteriormente ensinar, sobretudo, quando estiverem atuando profissionalmente (Moraes, 2023, p. 3-4)

Em vista disso, o memorial de formação, portanto, revela muito de si no plano de uma subjetividade que é potente e com capacidade de autoformação, mas também expressa uma linguagem que diz do sujeito que narra, para quem, o que, aonde e em que tempo, entre outras dimensões que vão pouco a pouco desabrochando na escrita narrativa autobiográfica e que aparecem nos marcadores linguísticos, discursivos, estéticos e axiológicos da escrita de cada um(a).

No quadro 1, a seguir, apresentamos a proposta do roteiro de elaboração do memorial de formação que elaboramos e compartilhamos à turma, como forma de cada um(a) compreender em que consistia a atividade, já que ainda não tinha conhecimento sobre o que se tratava:

Quadro 1 – Orientações de como elaborar um memorial de formação

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A ELABORAÇÃO DE UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO	Para produzir o seu memorial você pode narrar sua história de vida, trazendo diferentes momentos, acontecimentos, lugares, pessoas e experiências que possam se dá: desde a infância, a adolescência e a vida adulta (depende do que você quer contar). Pode ainda (se quiser), narrar sobre pessoas marcantes, professores inesquecíveis e marcantes na fase escolar, familiares importantes na sua formação, amigos/as, relacionamentos, viagens, objetos, etc. A escrita é no gênero narrativa (auto)biográfica, na qual traz uma escrita reflexiva em primeira pessoa. Lembre-se você vai falar de você, do que viveu e como chegou aonde chegou. Mergulhe na sua história pela memória e nos conte o que dela se lembrou, extraiu e te marcou para poder narrar. <i>Quantidade de laudas: no mínimo 03 e no máximo 05 laudas.</i>
ALGUMAS PERGUNTAS PARA AJUDAR A REFLETIR NA CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DE FORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Como eu me vejo no passado? • Que experiências eu tive que me ajudaram a ser ou estar sendo quem eu sou hoje? E o que essas experiências fizeram comigo e o que eu fiz com elas? • O que contribuiu para eu me tornar quem sou? • O que tanto aconteceu que me marcou? • O que tanto aprendi? E o que fiz com essas aprendizagens? • Quem eu era, como eu me transformei ao longo do tempo e o que contribuiu tanto nessas transformações? • Quais pessoas passaram na minha vida que contribuíram na minha formação? • Como eu me vejo hoje? • Como eu cheguei no curso de Pedagogia? (ou outro curso).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Pelo fato do referido curso, ser constituído em sua maioria, de um público que atende ao gênero feminino, primamos nessa pesquisa pelas escolhas de quatro estudantes mulheres, conforme elucidado antes. Estas possuem idades entre 20 a 40 anos, nas quais, duas delas são mães e as outras duas não o são.

Os memoriais foram elaborados por escrito durante o percurso da disciplina pelas estudantes, depois digitados e enviados por e-mail institucional dos(as) professores(as) da disciplina, a fim de lermos, avaliarmos e refletirmos acerca da construção de conhecimentos realizados por cada uma e pelo conjunto de aprendizagens efetuadas pelas escritas de si. No final desse processo, passamos a atribuir uma nota individualmente, proposta essa com a qual havíamos explicitado tal finalidade no início da disciplina.

Cabe elucidar que boa parte das estudantes dos cursos de licenciaturas do nosso campus, e em especial no curso de Pedagogia, são mães e, em sua maioria, mães que são solo que acabam fazendo o papel ao mesmo tempo de mãe e realizando atribuições de outros membros da família (no caso da ausência dos pais) na educação dos(as) filhos(as), algumas com dois(duas) ou mais filhos(as), e que, realizam um curso superior, e são desempregadas e em busca de melhoria de qualidade de vida para si e sua família. Do mesmo modo, muitas destas são filhas de mães que também foram solo, o que repercute,

significativamente, na constituição de seu contexto cultural, sociopolítico, econômico, educacional e na sua formação, bem como influencia nas suas condições de vida e existenciais pelas quais trilham, embora, consigam em alguns casos, furar a bolha – no sentido de mudar suas condições de vida e socioeconômicas, principalmente – e acabam por mudar o percurso educacional e em outras interfaces pelas quais estão traçando com suas inserções cursando uma Educação Superior.

Para o processo de compreensão e interpretação das fontes narrativas de pesquisa nesse estudo, primamos pelo uso da *hermenêutica da narratividade e temporalidade* em Paul Ricoeur (2010) em consonância com a *filosofia da linguagem* em Bakhtin (2011). Tal escolha, se deve ao fato de que, além de se entrelaçarem na produção de uma reflexividade pela linguagem no âmbito da narração de histórias pelas quais nos provocam a situar tais autores, também pelo elo de aproximação discursiva e conceitualmente que põem em jogo no âmbito de suas obras na compreensão da língua e seus processos interpretativos e compreensivos. Por isso nos é cara as discussões feitas nas obras *Tempo e narrativa* (Ricoeur, 2010) e em *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 2011).

Apreciamos o conceito de autobiografia de que fala Bakhtin (2011) e que o enunciamos nesse texto. Segundo suas palavras “entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (Bakhtin, 2011, p. 139).

Na perspectiva da hermenêutica que se propõe a compreender os sentidos e significados das escritas dos textos narrativos, ou o que está por trás do que é dito, muitas vezes nas entrelinhas, o trabalho empreendido pelo(a) pesquisador(a) é fundamental para o estabelecimento de coerências e interpretações que atribuem lógica e produção de conhecimentos na pesquisa científica. Por isso, refletimos que “é o tipo de compreensão que caracteriza a operação narrativa” (Ricoeur, 2010, p. 263). Razão pela qual é desvelado o conjunto de significações acerca das experiências narrativas vividas e tecidas pelos sujeitos em processos interpretativos mobilizados pelos(as) pesquisadores(as) com o material discursivo que tem ao seu dispor apresentado durante a construção de suas ideias e reflexões.

3 A ESCRITA NARRATIVA NOS MEMORIAIS DE FORMAÇÃO: A VOZ E VEZ DAS MULHERES ESTUDANTES

O aumento expressivo das histórias de vida no contexto da formação e desenvolvimento profissional docente, se deve a valorização da dimensão subjetiva ao considerar o(a) professor(a) como pessoa e que é impossível separar aquilo que somos, naquilo que ensinamos. Daí, o fato da pessoa professor(a) de ter a capacidade, pelo processo de narrar de se formar e se (trans)formar com seus relatos, protagonizando as suas histórias (Nóvoa, 2009).

Ressaltamos, portanto, que “a história de vida e outras abordagens biográficas e narrativas agora são amplamente consideradas como algo que tem muito a oferecer, e ponderamos que deveriam ser empregadas na pesquisa de identidade” (Goodson, 2020, p. 244). Razão pela qual nesse texto, refletimos como é possível se efetuar a constituição da identidade e subjetividade das participantes da pesquisa, nas quais conseguem expressar por meio de sua linguagem escrita, a exemplo, de suas autobiografias presentes nos memoriais de formação e seus reflexos produzidos em sua (auto)formação, aprendizagem da docência e na produção de um autoconhecimento tecidos em diferentes temporalidades e percebidas pelas escritas de si.

No contexto das escritas femininas a que se tece esse texto, ressaltamos um relevante trabalho desenvolvido pelas professoras pesquisadoras Denice Bárbara Catani, Belmira de Oliveira Bueno, Cynthia Pereira de Sousa e Maria Cecília C. C. de Souza, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), que desde a década de 1990, vem produzindo reflexões, pesquisas e estudos acerca das escritas das histórias de formação de mulheres e sua potencial construção e reconstrução de suas identidades através do gênero narrativo e autobiográfico. Segundo as autoras, “o falar de si pode restaurar o sentimento do domínio de sua própria vida, da mesma forma que pode recuperar a integralidade de sua personalidade” (Catani et al, 2003, p. 40).

Em relação mais propriamente ao memorial de formação, este dispositivo é elaborado em uma escrita reflexiva que se pauta pelas histórias e memórias autobiográficas fruto das experiências trilhadas pelo sujeito em diferentes tempos e espaços vividos por si ao longo de sua existência, por isso, é singular e subjetiva. Convém citar uma reflexão que condiz com esses princípios, na seguinte acepção:

[...] a escrita do memorial de formação ocorre num processo em andamento, a escrita se dá, portanto, num espaço-tempo quase simultâneo à vivência dos fatos que devem descrever, por essa razão, os autores, que se

percebem na condição de alunos, revelam suas dificuldades para dar sentido a experiências em curso (Câmara; Passeggi, 2013, p. 36).

A partir dos relatos narrativos de vida presentes nos memoriais de formação das estudantes participantes da pesquisa, foi possível identificar inúmeras histórias de si que foram se tecendo em contextos diversos das temporalidades vividas de suas experiências, e que representam achados riquíssimos no processo formativo as quais estão imersas.

Na escrita narrativa elaborada pela estudante Daniele, é possível perceber o qual significativa foi a parada reflexiva que fez de sua vida narrando suas histórias, nas quais resgata acontecimentos em diferentes tempos vividos, e situando o papel da família ao longo de sua trajetória. Como expressa em sua materialidade discursiva:

Sou filha de uma empregada doméstica Aldeide Arruda Gomes, tenho muito orgulho da minha mãe porque com toda dificuldade que nós tivemos, ela nunca desanimou, sempre nos incentivou. Ela é uma mulher guerreira e lutadora, que lutou para criar seus filhos, só então ela é mãe e pai. Agradeço a ela muito por nos mostrar que sem educação não somos nada. Entrei aos estudos com meus cinco há seis anos de vida, tive presença e o primeiro incentivo da minha mãe na minha vida escolar, já que ela teve acesso a escola e tinha o segundo grau completo. Ela me ajudou com os primeiros rabiscos até a entrada na escola. Sua presença foi muito importante na minha vida. Ingressei na escola com sete anos de vida. Já conhecendo algumas palavras, no início do fundamental I, estudei em uma escolinha na comunidade na qual nós morávamos, na comunidade Monte Cristo na zona rural de Codó Maranhão. Nas outras séries do ensino fundamental II encontrei o apoio da professora Zezinha, que me ajudou muito; foi uma das pessoas que marcou muito no fundamental II, assim com minhas dificuldades na vida escolar ela segurou minha mão e disse: “nós estamos juntos e vamos vencer juntos”.

Quando eu terminar minha licenciatura em pedagogia, pretendo fazer também uma pós-graduação, mestrado e doutorado, só através da educação temos oportunidades de crescimento tanto na sociedade e na vida pessoal. Tenho necessidade de aprender, de construir algo novo. Entendo que vale apenas continuar rumo ao final desse processo de aprendizagem, mesmo sabendo que não é fácil. Penso que daqui há alguns anos serei uma professora da educação básica, vai ser muito gratificante (Narrativa de Daniele, 26/09/2024).

O relato narrativo da estudante acima, situa numa escala temporal, os entrelaces vividos com as contribuições da família, em especial sua mãe, no seu processo de formação e escolarização, além de se ver no presente e projetar o futuro com vistas a galgar outras perspectivas de formação em sua área que está cursando, a educação e a pedagogia.

Para além do exposto discursivamente em sua escrita narrativa, é possível ainda depreender como os contextos políticos, econômicos e socioculturais demarcam o seu discurso e revelam sua historicidade em diferentes momentos pelas quais enfrentou em

sua jornada de vida. Trata-se de um contexto que influencia o lugar de fala de mulher, e que protagoniza a sua história como autora pelas escritas de si.

Nesse sentido, “a produção de conhecimento de si tem assim um papel duplo no trabalho biográfico: ela apoia a pessoa, ao conhecer-se, aqui e agora, por meio do que diz de si mesma no trabalho intersubjetivo, e ao reconhecer-se por meio de uma história” (Josso, 2010, p. 250). Nesse movimento, de narrar sobre si evocando sua memória e refletindo temporalidades de sua experiência vivida nas fases da vida, reinventa-se e se transforma em múltiplas interfaces.

Ao buscar compreender as experiências narrativas tecidas por Daniele, nos lembramos ainda uma relevante reflexão de como assinala Bakhtin (2011, p. 139), de que “o valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida”. Tal como fez a estudante ao narrar suas histórias no memorial de formação elaborado por si, protagonizando-se junto com as pessoas que enuncia em seu discurso narrado.

Em outra escrita narrativa, agora da estudante Nayele, revela trajetórias de vida e formação pelas escritas narrativas também trazendo o contexto familiar como determinante para ser o que é hoje, pensar aonde chegou e onde pretende chegar. Faz esse entrelaçamento usando-se de sua memória que é capaz de exercitar para contar de si, de uma forma que em outro dispositivo não seria possível, como materializado em sua escrita narrativa. Conforme assinala:

Cresci em uma família onde meus pais eram analfabetos, Dona Marta e Senhor Mudico. Reféns de uma vida sofrida que não os favoreceu, eles não tiveram acesso à educação, uma vez que residiam no campo onde a oferta de estudos era mínima, além disso, dedicavam-se ao trabalho, quase não sobrando tempo para exercer outras atividades.

Tive acesso à educação, meus pais fizeram questão que a história deles não se repetisse na minha. Por vezes, meu pai deixou de comprar algo para comprar materiais de estudos para mim. Ele me acordava todos os dias na maior agonia para que eu fosse para a escola. Separava até minha escova de dentes com o creme dental para que não me atrasasse. Me levava todos os dias até a escola, na sua bicicleta Monark vermelha. Eu ia cheia de alegria, era uma diversão.

Estudei no reforço desde o 5º ano do ensino fundamental, pois meus pais não sabiam me auxiliar nas atividades escolares, mas tinham a preocupação de que eu nunca deixasse de fazê-las.

Assim é consolidada parte da minha formação, me vendo hoje no Ensino Superior, sei que devo aos meus pais, eles são os responsáveis por eu ter chegado até aqui e para onde ainda irei chegar (Narrativa de Nayele, 25/09/2024).

No âmbito das dimensões cronotópicas na constituição dos discursos, em que referem-se à fusão do espaço e do tempo, influenciando a maneira como os discursos são produzidos e interpretados, pensando a partir de Bakhtin (2011), cabe refletirmos que a escrita narrativa autobiográfica materializada discursivamente pelo Nayele em seu memorial de formação, traz diferentes temporalidades na revelação de suas experiências que mais significaram em sua vida, de modo que consegue revelar detalhes com a capacidade de rememorá-las e expressá-las por escrito. Tal revelação ao mesmo tempo em que é difícil empreendê-la, pode ser um meio privilegiado de dimensionar e materializar o vivido, quando é desenvolvida por um processo de reflexividade narrativa, como passou a fazer tal dimensão na construção do seu memorial de formação e que emergiu as suas histórias no tempo presente, voltando ao passado pela memória.

Ainda diante da compreensão dos tempos narrados em sua escrita, nos leva a invocar o pensamento de Paul Ricoeur (2010) a quem fez um brilhante estudo das reflexões filosóficas de Santo Agostinho e Aristóteles, para pensar tempo e narrativa e como se imbricam estes nas materialidades discursivas dos sujeitos, revelando três temporalidades que fazem muito sentido na constituição do sujeito pela experiência de narrar. Ou seja: voltamos ao passado através da memória, acessamos ao presente pela visão ou instituição e acessamos o futuro através da expectativa. E todo esse movimento, é capaz de ser efetuado através das narrativas, em que podem surgir os três tempos narrados em uma mesma composição ou alguns destes tempos emergem.

No que se refere a escrita narrativa do Memorial de Formação de Liliane, usa de uma linguagem verbal remontando ao passado, com relatos que marcam a sua caminhada e que invoca pessoas para dizer consigo o que viveu nos períodos marcantes de sua existência entremeados com o processo de escolarização. Conforme pontua:

Um fato que marcou minha vida foi quando minha mãe me colocou na creche aos quatro anos. Lá, pude me desenvolver, enfrentar desafios de convivência e aprender a respeitar todos ao meu redor. Fui uma criança feliz e aproveitei cada fase. Lembro-me de que sempre brincávamos, e a professora passava atividades de pintura para fazermos em casa. Minha mãe, sempre preocupada, dizia "*Quero que você aprenda logo a escrever seu nome*". Toda tarde, ela sentava comigo para me ajudar com as atividades que a professora passava, além de me ensinar a escrever meu nome. Hoje, sou muito grata por sua presença e apoio durante o meu processo de alfabetização. No primeiro ano do ensino fundamental, estudei na Escola Carmen Palácio Lago e tive uma excelente professora chamada Raimunda. Seus ensinamentos foram muito valiosos. Ela teve muita paciência comigo, especialmente porque o processo de aprender a ler foi desafiador, já que eu tinha uma memória curta. No entanto, a paciência e a calma da professora Raimunda fizeram toda a diferença. Há pessoas que marcam nossas vidas, despertam algo especial em

nós e transformam a nossa maneira de ver o mundo de forma irreversível. Hoje em dia, vejo o quanto a escrita é fundamental no nosso cotidiano. Estamos cercados de informações, letras e números. Não só aprendi a escrever, mas também compreendi a importância da escrita e o propósito de me dedicar a esse aprendizado. Foi um conhecimento que adquiri junto com as dificuldades (Narrativa de Liliane, 25/09/2024).

Nesse sentido, seu discurso narrado é tecido à luz de uma composição coletiva nos quais alude a alteridade na constituição de si com o(a) outro(a) pelo narrar e que é percebido por ela quando escreveu a sua narrativa no memorial de formação. Com base na narrativa expressa, enxergamos a perspectiva da alteridade constituída no âmbito de uma filosofia da linguagem, que é bem na esteira do que empreende Bakhtin (2011), ao nos provocar a pensar que vivemos e expressamos esse viver com o(a) outro(a) que nos constitui, e que muitas vezes conseguimos dizer de nossa experiência na linguagem que conseguimos externar, de modo a revelar essa relação de coletividade, da partilha e da presença dos diferentes sujeitos que nos acompanham, nos habitam ou que por nossa vida passaram ou ainda estão em nossa jornada existencial.

E foi por meio de suas lembranças evocadas na memória que foi possível materializar um dizer de si, figurando a autoria de si, mediatizada pelas histórias de vida, aprendizagem e formação no processo de escolarização e pelas contribuições de sua mãe nesse processo, o que foi determinante para ser o que é hoje ou revelar um pouco do seu construto existencial.

Na narrativa expressa pelas histórias de vida muitas vezes surgem estados de ser, pensar, saber e fazer nos quais caracterizam espaços, tempos, linguagens e subjetividades do(a) narrador(a) no momento em reflete e narra seus acontecimentos na experiência narrada. Por isso, é válido salientar diante dessas abordagens as metamorfoses geradas no movimento de viver a vida, pensar a formação e se dar forma, possibilitando transformações significativas empreendidas pelo sujeito em seus contextos trilhados e fruto das afetações e atravessamentos que os tocam, gerando marcas e significados. Desse modo:

[...] em razão da multiplicidade de sujeitos com os quais estabelecemos relações, dos saberes aprendidos e compartilhados, dos contextos trilhados, das experiências e conhecimentos construídos, vamos nos moldando, influenciando o mundo e sendo por ele influenciado e afetado, permitindo outras possibilidades de constituições subjetivas que vão nos tornando o que somos ou estamos sendo, que não é mais o mesmo do passado, não estamos sendo no presente e nem o seremos no futuro (Morais; Bragança, 2020, p. 192)

No estilo de escrita narrativa desenvolvida por Franciele, escolhe contar histórias de sua família que mexem com o seu emocional e que são acontecimentos que a acompanham de forma muito marcadamente até os dias atuais e impactam tanto na sua qualidade de vida, quanto no processo de formação, compreensão de si e do(a) outro(a). Ela expõe fraturas e feridas em sua linguagem escrita no seu memorial, como pensa a respeito do assunto, tira lições disso, toma consciência de si pelos acontecimentos vividos e se (trans)forma no ato de narrar seus percursos existenciais recuperado na memória. Buscando citá-la:

Relembrar a infância é um retorno ao passado que pode ser feliz e ao mesmo tempo triste. No meu caso, sinto o coração apertado, pois considero que foi na minha infância que sofri o maior abalo familiar, *abandono paterno*, e a doença que mudaria a minha perspectiva em relação à vida, pois a família que era perfeita diante dos meus olhos e de todos os que nos conheciam não era. A traição extraconjugal praticada pelo meu pai biológico, abalou a família que era o alicerce que eu necessitava e precisaria para construir o meu caráter como também a noção de família. Contudo, a minha mãe foi meu pai também, principalmente em uma sociedade que cada vez se observa o abandono paternal.

A escrita deste relato fez eu reviver todos os acontecimentos da minha história na infância, que estavam esquecidos ou uma tentativa de esquecer eles. Em primeiro momento, fiz ele manuscrito, para uma melhor compreensão da avalanche de pensamento e memórias.

Sempre tive dificuldade quanto a descrever os meus sentimentos, como também na aprendizagem e escrita na escola, pois tinha mais habilidades com a esquerda, do que com a direita. Na infância participei de aulas de reforço para ajudar no desenvolvimento e melhoramento da minha aprendizagem. Hoje percebo que melhorei bastante a escrita, como também a leitura, e isso de alguma forma está contribuindo para que aos poucos eu consiga descrever o que eu sinto (Narrativa de Franciele, 24/09/2024).

Diante da narrativa autobiográfica escrita por Franciele, é possível identificar que ela passa a se compreender quando narra as suas experiências de vida que teve ao longo dos diferentes tempos revelados em sua narração que marcaram a sua infância e que a acompanham fortemente na fase adulta, atualmente. Esse processo de tecer uma reflexividade narrativa pelas escritas de si, acaba extraíndo momentos que são significativos e deixando outros para trás. Esse é um trabalho crucial empreendido por narradores(as) na contação de suas histórias e a de outros(as), e com as quais ganham muito sentido e significado na materialização de um discurso que descortina dimensões formativas, na tessitura de autoconhecimento e na compreensão de uma política de vida e de uma conjuntura e realidade sócio-histórica, política, econômica e cultural da qual padece, viveu e que está em constante metamorfose.

Nas pesquisas narrativas autobiográficas, realizar um trabalho de interpretação e compreensão acerca da fala escrita, com todo o aparato linguístico-discursivo em que faz

o(a) narrador(a)-autor(a)-leitor(a), no imbricamento feito de formas entremeadas diante da narrativa, faz toda a diferença para o entendimento dos fatos narrados. Por isso, que:

[...] *a compreensão em sentido* amplo define-se como o ato de ‘apreender conjuntamente em um único ato mental coisas que não são experimentadas juntas ou nem podem sê-lo, porque estão separadas no tempo, no espaço ou de um ponto de vista lógico’ (Ricoeur, 2010, p. 263. Grifos do autor).

Nesse sentido, Franciele em sua escrita narrativa conseguiu juntar numa mesma narração fatos e acontecimentos que temporalmente estão distantes, algumas vezes dispersos, mas que, quando expresso narrativamente em sua escrita, é possível encadear um todo com sentido, coerência e compreensão da realidade revelada, de forma precisa e entendedora.

Pensamos que o lugar de fala com a qual ocupa hoje Franciele, como estudante de um curso superior de formação para a docência, somando-se as propostas de atividades críticas e reflexivas impulsionadas pelos(as) professores(as) na Universidade, com a perspectiva metodológica das escritas narrativas autobiográficas que temos realizado ao longo dos diferentes períodos do curso, a permitiram ter consciência das histórias de si, e que fora empreendida por ela no processo de se autorizar, ter coragem e segurança para expor sua vida em palavras.

A estudante, ao mesmo tempo em que apresenta um “talento narrativo” de que fala Benjamin (2012, p. 222) em sua escrita, no sentido de contar histórias com sensibilidade, deleite e emoção contrapondo-se às informações que é abarcada pela intensificação da vida e das informações capitalistas modernas, é capaz de se posicionar na compreensão de sua realidade, tirar lições e aprendizagens da sua caminhada trilhada, bem como construir valores fundamentais à sua existência, e que possa guiar projetos de futuro mais felizes e promissores.

Com base nas experiências da escrita narrativa das mulheres estudantes, participantes dessa pesquisa e aqui apresentadas, cabe salientar que as reflexões produzidas por elas e por nós foram fundamentais no processo de formação de professores(as). Tal tomada de consciência de suas histórias, só foi possível pelo fato de terem empreendido a escrita narrativa autobiográfica pelo fio da memória, como forma de dar sentido as experiências em curso de suas vidas, capturando lições que tiveram ao longo de suas temporalidades vividas, e que passou a guiar projetos de futuro em busca de dias melhores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escritas narrativas das mulheres estudantes, participantes desse estudo, revelaram por meio de seu memorial de formação inúmeros acontecimentos vividos por elas, com contribuições significativas e potentes no processo de formação e autoformação, pautado nas trajetórias de vida trilhadas por cada uma.

Escrever sobre si na formação docente, pode ser uma alavanca de tomada de consciência dos percursos vividos pelo sujeito, em um momento retroativo (ao passado), mas também atual do momento presente e numa mirada prospectiva (em vista do futuro) em que na narração de histórias, efetua (trans)formações intensas e fundamentais, nas quais em uma mesma temporalidade emergem o passado, o presente e o futuro.

Trazer as mulheres estudantes de um curso de licenciatura para o centro do debate, como proposto nesse trabalho, a partir de relatos narrativos de suas vidas, torna-se um meio privilegiado de formação em movimento, em que todos(as) aprendem sobre as lições e conhecimentos tecidos ao longo do tempo. Do mesmo modo, pelo processo de narrar dessas mulheres, recuperamos a autoria e o protagonismo de si pela narração, nas quais revela muito de uma educação, formação, aprendizagem e conhecimento. Trata-se de erigir outras formas de aprender, conhecer, saber e ser que nas narrativas se revelam e que influencia, sobremaneira, nas práticas existenciais e nas poéticas, estéticas e políticas de vida, na tessitura de outros currículos possíveis e nas trajetórias de formação docente pelo processo de narrar as histórias nos memoriais de formação.

A linguagem utilizada nas escritas narrativas autobiográficas de formação, elucidam um modo outro de compreender uma realidade vivida pelo sujeito, e que são formas de escritas que se compõem inteiramente mergulhada na subjetividade, se tecem pela emocionalidade, sensibilidade e afetação. As escritas narrativas autobiográficas capturam o olhar e a atenção do(a) leitor(a), envolve, encanta e se transmuta em uma diversidade de desfechos e acontecimentos que posicionam em múltiplas interfaces o jogo de linguagem, compreensão e interpretações dos fatos contados nas histórias. As suas escritas de si, embalam, formam e (trans)formam quem narra, fazendo com que os sujeitos possam se protagonizar nesse movimento, envolvendo, inclusive, quem ouve ou lê as experiências narradas e que possibilitam outros tantos modos de narrar, viver e entender uma realidade vivida por si e pelo(a) outro(a).

São, portanto, escritas narrativas autobiográficas que dizem do lugar de fala que ocupam, mas que também dos seus tempos e espaços sócio-históricos, políticos,

linguísticos, educacionais, formativos, econômicos e culturais, que revelam de si e protagonizam suas histórias e memórias com potentes e enriquecedoras experiências que marcam a sua memória e que mantêm-se vivas e preservadas ao longo do tempo de modo muito afetuoso e sensível.

É possível elucidar que os memoriais de formação representam um dispositivo metodológico privilegiado nos quais emergem processos de formação e autoformação para os(as) estudantes dos cursos de licenciaturas, bem como dá indícios de compreensão para os(as) formadores(as) de professores(as) sobre quais caminhos estão trilhando, como aprendem e se formam em movimento revelados pelas práticas de narrar de cada um(a).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo: Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas. **Linhas críticas**, v. 29, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/47919/38365>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus (Orgs.). **Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In.: PASSEGGI, M. da C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativas de si e formação. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

CATANI, Denice Bárbara et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In.: CATANI, et al (Orgs.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. 4.ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **História de vida e pesquisa biográfica em educação**. Tradução: Maria da Conceição Passeggi, Carolina Kondratiuk. Natal, RN: EDUFRN, 2024.

GOODSON, Ivor F. **Aprendizagem, currículo e política de vida**: obras selecionadas de Ivor F. Goodson. Tradução Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Acesso em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390> . Acesso em: 14 abr. 2025.

MORAIS, Joelson de Sousa. **Fios e tramas em contextos de pesquisa formação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259f. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977> . Acesso em: 14 abr. 2025.

MORAIS, Joelson de Sousa. Memorial de formação docente como dispositivo metodológico de aprendizagem narrativa no ensino superior. **Revista da Faculdade de Educação (FAED)** - Vol. 39, nº 1, e392322, Jan./Dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/12258/8342> . Acesso em: 13 abr. 2025.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. As histórias de vida de professoras iniciantes no processo de constituição da docência. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 57, p. 190-202, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8279/5339> . Acesso em: 30 abr. 2025.

NÓVOA, Antônio. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista práxis educacional**, v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528> . Acesso em: 05 abr. 2024.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, ciência e arte: diálogos com Oliver Sacks. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.21, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/59921/41861> . Acesso em: 14 abr. 2025.